



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CAMPUS BINACIONAL DO OIAPOQUE
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS/FRANCÊS

JESEBEABE BERNARDINO MENDONÇA CALIXTO

**AS PERSONAGENS NEGRAS E SUA REPRESENTAÇÃO EM A NOITE
DOS CRISTAIS DE LUÍS FULANO DE TAL.**

**Oiapoque/AP
Outubro/2018**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CAMPUS BINACIONAL DO OIAPOQUE
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS/FRANCÊS

JESEBEABE BERNARDINO MENDONÇA CALIXTO

**AS PERSONAGENS NEGRAS E SUA REPRESENTAÇÃO EM A NOITE
DOS CRISTAIS DE LUÍS FULANO DE TAL.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito final para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras Português/Francês, pela Universidade Federal do Amapá- UNIFAP.

Orientadora: Prof^ª. Ma. Lucinéia Alves dos Santos

**Oiapoque/AP
Outubro/2018**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CAMPUS BINACIONAL DE OIAPOQUE
COLEGIADO DE LETRAS

ATA DE DEFESA DO TCC

No dia 15 de outubro de dois mil e dezoito, na sala E 2 da Universidade Federal do Amapá – Campus Binacional de Oiapoque, foi instalada a comissão formada pelos docentes abaixo descritos, e realizada a defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso, em forma de artigo, requisito obrigatório para obtenção do grau de Licenciado Pleno em Letras, do(a) acadêmico(a) Jeséabe Bernardino Mendonça Calixto

regularmente matriculado no curso de Licenciatura em Letras. O trabalho intitulado As personagens negras e sua representação em A Noite dos Cristais de Luís Fulano de Tal

sob a orientação do(a) docente Lucinéia Lemes dos Santos

foi apresentado após a abertura da sessão que foi feita pelo presidente da banca o(a) professor(a) Lucinéia Lemes dos Santos. Após a abertura foi realizada a apresentação do TCC pelo(a) acadêmico(a) em 22 minutos. Em seguida, a banca fez as considerações sobre o trabalho e reuniu-se para fazer a somatória das notas. Ao final foi atribuída a nota 8,5 (oitro e meio) e a aprovação do trabalho. Sem mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão às 17 horas e 14 minutos, e lavrada a presente ata que segue assinada por todos.

Oiapoque, 15 de outubro de 2018.

Banca examinadora:

- 1) Lucinéia Lemes dos Santos
Presidente da Banca
- 2) Luís Carlos de Santana
Avaliador 1
- 3) Rafael Costa Santos
Avaliador 2

RESUMO

Este trabalho tem como foco mostrar as personagens negras e sua representação em *A Noite dos Cristais* de Luís Fulano de Tal, o autor descreve em sua obra o comportamento e a cultura de pessoas que vieram escravizadas da África. A representatividade que Luís Fulano de Tal expressa nos seus personagens negros valoriza a cultura, o trabalho, o viver intenso em busca de espaço na sociedade. Mostra a família de Gonçalo (protagonista negro) estruturada, composta por personagens que têm a África como referência. No livro, os personagens brancos são coadjuvantes, representam o verdadeiro papel que um branco exercia na sociedade em relação ao negro, isto é, era seu opressor. Fazer uma análise do livro *A Noite dos cristais*, e conhecer um pouco da trajetória do autor para a publicação do romance foram pontos cruciais para o desenvolvimento do trabalho, pois essa análise nos levou a compreender o papel das personagens negras na literatura brasileira, e também o aspecto histórico em que se baseia a narração que é a Revolta dos Malês. Para a realização da pesquisa recorreu-se a autores, como, David Broockshaw, Gregory Rabassa, Cuti, entre outros, que estudaram minuciosamente escritores de obras canônicas ou não, e os personagens negros existentes nesses textos, bem como a artigos que tratam da literatura negra.

Palavras-Chave: Representação; Literatura negra; Personagens negras; Luís Fulano de Tal;

RÉSUMÉ

Ce travail a pour objectif montrer les personnages noirs et leur représentation dans *A Noite dos Cristais* de Luís Fulano de Tal, l'auteur décrit dans son oeuvre le comportement et la culture des personnes qui sont venues de l'esclavage de l'Afrique. La représentation que Luís Fulano de Tal exprime dans ses personnages noirs valorise la culture, le travail, et l'intense mode de vivre cherchant de l'espace dans la société. De plus, nous allons montrer à travers cette recherche la famille structurée de Gonçalo (protagoniste noir), composé par des personnages qui ont l'Afrique comme référence. Dans le livre, les personnages blancs sont des coadjuvants, ils représentent le réel rôle qu'un blanc exerçait dans la société en relation avec le noir, c'est-à-dire, c'était son oppresseur. Faire l'analyse du livre *A Noite dos Cristais*, ainsi comme connaître un peu la trajectoire de l'auteur pour la publication du roman ont été des points cruciaux pour le développement de la recherche, car cette analyse nous a emmené à comprendre le rôle des personnages noirs dans la littérature brésilienne, et aussi l'aspect historique qui soutient la narration, que est la *Revolta dos Mâles*. Pour la réalisation de cette recherche, les auteurs qui nous avons utilisé comme support théorique sont David Broockshaw, Gregory Rabassa, Cuti, entre autres, qui ont étudié minucieusement les écrivains des oeuvres canoniques ou non, et les personnages noirs existants dans ces textes, ainsi comme des articles qui abordent la littérature noire.

Mots-clés: Représentation, Littérature Noire, Personnages Noires, Luís Fulano de Tal.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. O ROMANCE E O AUTOR	10
3. AS PERSONAGENS NEGRAS NA LITERATURA BRASILEIRA	13
4. AS PERSONAGENS NEGRAS EM A NOITE DOS CRISTAIS	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	25

1. INTRODUÇÃO

A Literatura é uma manifestação artística que atinge a consciência do indivíduo, é a expressão interna que enriquece a linguagem trazendo conhecimentos que proporcionam a compreensão da história de um país ou a cultura de um povo. A respeito da literatura, Cuti (2010, p.12) afirma que: “E a literatura é poder, poder de convencimento, de alimentar o imaginário, fonte inspiradora do pensamento e da ação”. É nesse contexto que analisaremos um pouco da literatura afro-brasileira, e apresentaremos as personagens negras na obra *A noite dos cristais*, de Luís Carlos Santana que tem por pseudônimo Luís Fulano de Tal.

O referido autor mostra que a literatura negra tem uma riqueza ímpar, e quando o escritor negro decide retratar o poder que os costumes africanos exercem em um país como o Brasil, Fulano de Tal traduz a autenticidade que permeia essa cultura e revela todos os pontos necessários para que não haja personagens estereotipados, e tais camuflam as verdades que sustentam o contexto histórico do período da escravidão. É importante fazer referências às obras de autores negros que se preocupam em retratar personagens que tenham consciência, e que são seres pensantes capazes de conduzir sua própria história dentro de um romance. Esta é uma maneira de luta contra o preconceito existente em algumas obras. Cuti destaca que:

Uma das formas que o autor negro-brasileiro emprega em seus textos para romper com o preconceito existente na produção textual de autores brancos é fazer do próprio preconceito e da discriminação racial temas de suas obras, apontando-lhes as contradições e as consequências. Ao realizar tal tarefa, demarca o ponto diferenciado de emanção do discurso, o “lugar” de onde fala. (*Idem* 2010, p. 25)

A obra de Luís Carlos Santana (Fulano de Tal), não é uma obra canônica, e além disso, o autor é negro, e diante do preconceito que existe no meio literário, é necessário despertar uma nova visão, ou seja, vencer o preconceito na divulgação de obras não canônicas e produzidas por autores negros, contudo, o que é interessante observar, é o potencial de reflexão que o livro possui, pois, a narrativa expressa um conteúdo que remonta a uma parte da história do Brasil, desta maneira, o importante não é a obra ser canônica para ser feita uma análise, mas sim ter um teor expressivo que transmita conhecimento e representatividade das personagens que são descritas no livro. Fulano de Tal ergueu o estandarte da literatura afro-brasileira mostrando a autenticidade da cultura negra aflorando em seus personagens, tal posicionamento declara guerra contra o preconceito e suas consequências. Assim, nas palavras de Cuti percebe-se que:

Certa mordaca em torno da questão racial brasileira vem sendo rasgada por seguidas gerações, mas sua fibra é forte, tecida nas instâncias do poder, e a literatura é um de seus fios que mais oferece resistência, pois quando vibra, ainda entoa loas às ilusões de hierarquias congênicas para continuar alimentando, com seu veneno, o imaginário coletivo de todos os que dela se alimentam direta ou indiretamente. A literatura, pois, precisa de forte antídoto contra o racismo nela entranhado. Os autores nacionais, principalmente os negros-brasileiros, lançaram-se a esse empenho, não por ouvir dizer, mas por sentir, por terem experimentado a discriminação em seu aprendizado. (CUTI, 2010, p. 13)

Há uma necessidade de reflexão sobre a representação das personagens negras em obras canônicas, visto que alguns nomes importantes da literatura brasileira, tratam com desrespeito a cultura negra e o período de escravidão. Outrossim, é um ponto crítico da literatura brasileira ter essas obras como o padrão de leitura. Não queremos dizer que esses trabalhos não tenham valor, mas sim que carregam o preconceito implícito na representação de personagens negras, construindo a identidade do escravo submisso, sensual, imoral e inferior à raça branca. O autor negro vem com a responsabilidade de dar a verdadeira identidade ao negro, acerca disso Cuti afirma:

A par do surgimento da personagem negra em livros de autores brancos ou mestiço, mediada pelo distanciamento, a produção de autores negros segue sua trajetória de identidade e de consolidação gradativa de uma alteridade no ponto de emanção do discurso. CUTI (2010, p. 33)

Na contramão de tudo isso, Luís Fulano de Tal cria seres atuantes e neles revela uma história na qual a importância da mensagem transmitida é uma possibilidade de reconhecimento da Literatura afro-brasileira. Essa visão começa pelo autor e se materializa em cada personagem, pois cada descrição feita, revela uma verdade cotidiana. Luís Fulano de Tal é o próprio exemplo, pois ao escrever o livro teve grandes dificuldades de publicá-lo, é o que diz a nota do autor:

Foi fundada a Associação dos Ilustríssimos Escritores Desconhecidos, ou O Grupo dos Sujos. Batendo portadas; inteirei, emprestei, assinei, disse e prometi. Dei calote, dei cano e não paguei a seu ninguém. Cinco edições correram de mão em mão em escolas públicas, associações de moradores, clubes, sindicatos, escolas de samba,

bares, feiras congressos, encontros, colóquios, ruas, praças, avenidas etc. etc. etc. (SANTANA, 2015, p. 11).

O romance *A Noite dos Cristais* traz reflexões que apontam para uma realidade que precisa ser reconhecida, pois o cenário da obra valoriza a produção literária de escritores negros considerados não canônicos, dentro dessa ótica, pode-se observar a segurança do autor ao narrar fatos que fazem parte do contexto histórico do país, e a coerência existente na narração leva o leitor a compreender que a escravidão foi um momento triste da história do país, mas por outro lado, negros foram também atuantes contra esse regime.

2. O ROMANCE E O AUTOR

O livro *A noite dos cristais* é a primeira obra do autor Luís Carlos Santana, nascido em Recife em 1959. Graduou-se em Letras pela USP, e fez mestrado em História Social na mesma instituição. É pesquisador, professor de francês, português e literatura. Atualmente leciona língua francesa na rede pública estadual do Amapá. Luís Carlos Santana recebeu algumas premiações, como: Prêmio Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil- FNLIJ, seção brasileira da International Board on Books for Young People; Prêmio autor revelação Orígenes Lessa, 2000; Prêmio Livro Altamente Recomendado para o Público Infanto-juvenil, 2000; Prêmio Programa Projeto Nascente USP/Abril Cultura, 1995; Prêmio Programa Nacional do Livro Didático/MEC, 2000.

A obra possui dois momentos históricos e dois narradores, o personagem Gonçalo Santana e o narrador contemporâneo, um estudante brasileiro, que assim como Gonçalo, era negro. O narrador contemporâneo tem uma vida de dificuldades financeiras, pois relata no início da narrativa, o que o fez ir até a o Guiana Francesa, “Como não posso passear na França e nem no Canadá, fui para Caiena nas Guianas” (SANTANA, 2015, p 19). Gonçalo por sua vez, narra em alguns pedaços de papel, sua própria história, de como enfrentou a escravidão, já que nasceu livre, porém após seus pais voltarem para a África sob acusações de serem muçulmanos, e causarem danos ao país, Gonçalo passa a ser um escravo.

O autor conta a história com riqueza de detalhes, transportando o leitor para o cenário e a época narrados, ele não economiza adjetivos para identificar os personagens, pois expressa figuras com características físicas e psicológicas, que representam muito bem o período histórico da escravidão. *A noite dos cristais* narra um período em que as personagens manifestam a luta pela sua liberdade e de seus filhos: “Em cada esquina e em cada canto, esquecidas as diferenças tribais, os escravos e ex-escravos reuniam-se para tentar vencer a dor e a humilhação” (*Idem.* p. 29)

A narrativa conta a história de um jovem estudante de língua francesa que viaja para Guiana com o intuito de ter um contato maior com o idioma francês. Se hospeda em uma pensão, onde conhece o proprietário chamado Benédicte, depois de algumas conversas, o velho homem lhe entrega alguns manuscritos bem antigos, dos tempos de escravidão. No maço de papel estavam escritas as lembranças de um negro fugitivo do Brasil, chamado Gonçalo. As anotações descrevem a vida de Gonçalo e de sua família, são memórias do cotidiano, que representam a vida de muitos outros negros que enfrentaram a escravidão. O relato conta com

detalhes a história de pessoas que chegaram ao Brasil na condição de escravos, mas com o passar do tempo, alguns conquistaram a liberdade, como por exemplo, Amaro pai de Gonçalo. Após seu pai conseguir a alforria por meio de pagamento, aprende a ler e a escrever, algo que para um negro da época era um grande trunfo.

Os escritos detalham com precisão a vida da família do personagem Gonçalo, os costumes, as dores, as crenças, os nomes das ruas, isso faz com que o autor enriqueça ainda mais a sua obra, pois ao falar de escravidão, não se ateve apenas a este acontecimento no país, mas também faz relatos com detalhes minuciosos do século XIX, por exemplo, sobre a sociedade baiana. As memórias do negro Gonçalo anotadas em papel contam sua infância, momentos em que desfrutava da presença de seus pais. A liberdade tão sonhada soava como uma palavra confortante, desacorrendo não somente os pés e as mãos, mas também abria caminhos para esses escravos fazerem parte da sociedade como qualquer outro indivíduo, por exemplo, ter direito a um trabalho remunerado e a uma boa educação para seus filhos: “Casou-se tarde com minha mãe alegando que, enquanto fosse escravo, não teria filhos e que jamais seus filhos seriam escravos como ele fora um dia”. (*Idem p. 23*)

Na história, está arrolada a Revolta dos Malês que aconteceu no ano de 1835, essa revolta foi planejada e executada por escravos inconformados com o catolicismo que os forçava a negar o islamismo, religião seguida por muitos negros.

—Irmãos africanos, ouçam! Só Allah nos une, lutemos e voltaremos para a mãe África. Não vos enganeis, os brancos cães infiéis, lhes dão uma cruz de madeira para adorar, e uma infinitamente maior, esta, a que vós carregueis nas costas. Venham! Voltem! Não vos iludais com os pregadores das igrejas que proferem palavras suaves aos vossos ouvidos e que vos oferecem um paraíso no além. Mas qual é o preço desta suposta felicidade? Hein? Digam-me! Escravidão e humilhação. (*Idem. p. 66*).

A Revolta dos Malês foi um fato histórico ocorrido em Salvador, na Bahia. O termo “malê” tem origem na palavra *imalê*, que significa “muçulmano” no idioma iorubá.

Às três da madrugada, Egba, nagô escravizada, envolvida em mantos e véus escuros, disparou um foguete em frente ao Paço Municipal. A revolta dos Malês começara. Um grito de guerra ecoou por toda a Bahia: -- Liberdade, viva o negro e seu rei! – Morte aos brancos e mulatos! – Liberdade, viva o rei! Viva o rei! (*Idem. p. 83*)

O pai de Gonçalo, que se chamava Amaro Santana, decorara o alcorão entretanto, o questionava, além disso rejeitava o catolicismo, como podemos observar no trecho da obra: “Fora instruído no alcorão, que ele renegava devido à traição, e não aceitava o catolicismo, que abençoara sua escravidão”. (*Idem*, p. 23). Com a explosão da revolta, a perseguição contra os negros tornou-se ferrenha, os pais de Gonçalo voltaram para a África, enquanto o menino foi vendido como escravo para um engenho em Recife. Gonçalo conhece um novo povo, porém, com uma situação comum à sua, pois eram escravos também. A dor física pelo trabalho e castigo era revezada com a dor psicológica, pois fora separado para sempre de sua família: “Meus pais partiram para a África; já no cais acenando senti o tilintar das correntes. Iniciava-se uma nova fase em minha vida”. (*Idem*, p. 94)

O cenário da história muda radicalmente, Gonçalo já não era mais um menino que vivia sob a proteção de seus pais, agora é um escravo vivendo sob o domínio de seus donos, a liberdade lhe fora tirada repentinamente, mas após tentativas de fuga, castigos, o entrosamento com outros negros, o amadurecimento chega na sua vida. A nova vida como escravo lhe rende um relacionamento com outros costumes. Com o passar do tempo Gonçalo, que assim como seu pai é alfabetizado, passa a dar aulas de português para alguns negros: “Como eu era o único alfabetizado, passei a exercer a função de professor de africanos”. (*Idem*. p. 110)

O desfecho da narrativa conta o momento da fuga de Gonçalo para enfim encontrar sua liberdade. Após algumas aventuras, o personagem central da história chega em Caiena, e também chega em uma idade em que sua vida toma novos rumos, agora Gonçalo é apenas um velho contador de histórias: “Tudo mudou em minha vida, inclusive a minha língua, que é uma mistura de francês, de línguas indígenas e africanas que encantaram meus ouvidos de menino”. (*Idem*. p.118). As memórias que Gonçalo têm de toda sua vida sustentam a realidade vivida no Brasil no século XIX. A leitura dos manuscritos invadiu a mente do estudante de língua francesa que logo fora abordado por soldados e deportado para o Brasil, entretanto tudo o que leu ficou gravado em sua memória: “Cheguei, e resolvi botar tudo no papel antes que esquecesse”. (*Idem*, p.110).

Fulano de Tal, traz para a ficção a realidade vivida pelos negros que passaram pela escravidão. Oswaldo de Camargo afirma que a obra é “um excelente texto de ficção que, além de prender o leitor, ensina, instrui e dá testemunho de um fato histórico como a Revolta dos Malês” (*Apud* PEREIRA, 2011, p. 348). Essa observação é a confirmação do valor histórico que a obra possui.

3. As personagens negras na Literatura Brasileira

A história do negro muitas vezes é marcada pela segregação, humanos vendidos como mercadoria, tirados de sua pátria, porém isso não é um resumo ou um conceito do que o negro representou e representa na história. Conhecer a cultura negra, não é apenas enxergar o povo africano pelo prisma da escravidão. O negro sempre fez parte da sociedade, porém a sociedade trata de excluí-lo, e nessa visão, parece ser incomum encontrá-lo na literatura, entretanto Gregory Rabassa afirma que:

Contrariamente a uma crença, o negro tem figurado na literatura desde os primeiros momentos da palavra escrita. Os povos da região mediterrânea estiveram em contato com negros de uma ou outra região da África desde que as tribos se tornaram nações e começaram a expandir o mundo conhecido[...]. (RABASSA, 1965, p. 25).

Nos dias atuais muito se fala da história do negro, do preconceito, que foi a mais triste herança da escravidão. O estigma deixado pelo passado criou barreiras promovendo diferenças raciais e sociais. Assim, o processo escravocrata brasileiro deixou diversas marcas que nem mesmo os séculos podem apagar da memória da sociedade. Isto é apresentado na literatura, quando existem personagens que retratam uma realidade que transfere ao negro papéis subalternos, ou seja, o leitor compreende que sempre o negro será escravo, sem conhecimento ou incapaz de estar no convívio social. O negro constantemente é representado como alguém sem valor, sempre à sombra do protagonista, ou seja, é a criada, a ama, a cozinheira, e pela lógica existente na mente da sociedade, o protagonista tem que ser branco, e com essa realidade o negro fará sempre papel com estereótipos, como veremos a seguir:

Estereótipos, porém, não são necessariamente étnicos. É bom lembrar que, basicamente, o estereótipo é uma camisa de força, uma forma de controle social. E por isso, pode aplicar-se a classe sociais dentro de uma comunidade nacional, não importando se essas classes estão definidas etnicamente[...] (BROOKSHAW, 1983, P. 10).

No contexto literário, a Abolição da Escravatura trouxe uma inspiração maior para os autores, como podemos observar:

Isso fica patente na caracterização do negro na Literatura criativa a partir da segunda metade do século XIX, quando começou a ser retratado com crescente frequência em prosa e em verso. Estereótipos positivos e negativos foram atribuídos a ele[...] (*Idem*, 1983, P. 16)

Com o passar do tempo, o personagem negro torna-se dono da sua própria fala, mesmo que seu discurso seja ainda distante do discurso do branco, é dono de suas ideologias, porém essas ideologias não poderiam ultrapassar as dos brancos, ou seja, um personagem negro tinha os pensamentos e atitudes determinados pelo homem autor branco. No século XX o negro representa e assume um papel mais fixo na literatura, a posição negativa do estereótipo muda para um papel positivo.

Na Literatura deste século apareceu uma outra faceta, porquanto as atitudes em relação ao negro evoluíram de acordo com as novas prioridades socioculturais. Assim surgiu um lado positivo para o estereótipo negativo e subversivo sob a forma de um negro encantadoramente irreverente, anárquico, todavia puro, conforme é retratado nos romances de Jorge Amado. (*Idem*, 1983, P.16)

A imagem do negro estereotipado remetido por autores, induz ao pensamento de uma não integração social, a anulação da consciência em relação às diferenças de cor. A fronteira que divide as relações étnicas raciais deveria limitar-se ao respeito das diferentes culturas, porém a supremacia da cor branca supera qualquer limite. Essa hegemonia tenta sufocar o conceito de que o negro foi uma vítima desde que deixou forçadamente sua pátria. Não houve uma mentalidade de que o negro fosse um ser humano sendo desumanizado, mas o que houve na verdade foi a interpretação de que a cultura negra não poderia subsistir no Brasil, mas sim que os costumes brasileiros tinham que ser adotados pelos escravos.

Em 1850, com o fim do tráfico de escravos, os escritores brasileiros passam a ter um foco diferenciado, pois tratar da escravidão em suas obras tornou-se algo comum à época em que estavam vivendo. A literatura voltada para o escravo como personagem sofredor e vítima de um sistema opressor, fica evidenciada na obra intitulada *O Comendador*, de Pinheiro Guimarães: “Alguns estavam por tal modo magros que pareciam esqueletos, cujos ossos estivessem cobertos unicamente por uma pele negra, que encarquilhava-se toda, e formava pregas, como se estivessem por demais larga[...]” (*Idem*, 1983, p. 28). Podemos também tomar como exemplo o romance *A Escrava Isaura* de Bernardo Guimarães, que foi publicado em

1875, o romance narra a vida de uma escrava branca, educada e que tinha uma beleza única, e isso chamava a atenção, ou seja, esse estereótipo retrata o cuidado em descrever uma pessoa branca, mesmo sendo escrava. Descrever uma personagem negra ostentando beleza e um caráter íntegro, não fazia parte da visão desses escritores. “Evidentemente, a equivalência de negritude com beleza, inocência ou pureza moral era inimaginável pela sociedade branca do século XIX”. (BROOKSHAW (1983, p.29)

Os estereótipos existentes na literatura brasileira são rotulados de várias formas, e carregam ideias que resultam em padrões fixos e apenas mudam de cenário, entretanto mantêm a mesma postura, isto é, estão sempre programados para representar a classe sem valor da sociedade, e essa desvalorização se dá não só por questões financeiras, como também em valores morais. Em diversos aspectos o homem branco sempre aparece como alguém que tem prioridades, o negro, traça um caminho bem mais difícil e longo. A abolição trouxe, porém, uma carga de mudança para esses personagens, no entanto o que muda é apenas o comportamento.

Poder-se-ia concluir, que na época em que a lei da Abolição foi aprovada os estereótipos do negro estavam firmemente estabelecidos. De um lado, o passivo e fiel escravo tornou-se o negro resignado, subjugado; o escravo violento evoluiu para abranger o mulato passivo e rebelde, enquanto o estereótipo do escravo imoral sobrevivia na figura da mulata lasciva, a mulher negra em si mesma, como sua contraparte masculina, sendo relegada à passividade, a derrota biológica e ao total abandono social. Originados na literatura abolicionista, nenhum desses estereótipos foi o produto de uma visão melhorada do afro-brasileiro[...]. (*Idem*, p. 47)

Após a Abolição o que se esperava era um comportamento diferente, já que a liberdade era uma realidade, mas o que se viu foi o mesmo cenário, os estereótipos permaneceram ocupando um espaço cada vez maior. Ter o negro dentro das obras literárias era algo de praxe, visto que a vida retratada nos romances, era uma fiel reprodução da realidade da época, porém, destacar o negro fora dessa realidade era, por vezes, entrar em contradição, já que o branco precisava manter a ideia de sua “superioridade”.

Monteiro Lobato, por sua vez, descreve seus personagens negros com um olhar preconceituoso:

O ataque duplamente cortante dirigido ao negro considerando-o de um lado um animal selvagem e, de outro, possuidor de certas qualidades infinita e convenientemente resignadas, não subversivas, é muito perceptível nos escritos do paulista sincero Monteiro Lobato[...]. (BROOKSHAW 1983, p. 68)

As formas de introduzir seus personagens em suas obras mostravam sua preocupação em retratar o negro como alguém selvagem, por mais que esse personagem tivesse um papel em evidência, mas a preocupação em demonstrar que a representação social do negro seria sempre como um ser de pouca notoriedade em meio à burguesia. Nas suas obras infantis, Monteiro Lobato também mostra o negro que se conforma com sua condição que pouco é valorizada, além de levar os personagens a papéis incoerentes:

E por último, mas não menos importantes, são as histórias para crianças de Monteiro Lobato, inspiradas no folclore afro-brasileiro, que retratam muito da vida nas velhas fazendas. Não se pode duvidar, embora quão charmosa essas histórias possam ser, que a visão do mundo de magia do negro, sendo equacionado com o mundo ontológico da criança, contribuiu e reforçou, por gerações a fora, o estereótipo do negro como uma criatura fundamentalmente ilógica, para não ser levada a sério no mundo real. (*Idem*, 1983, p.71)

Expor a sensualidade do negro, mostrando que isso o difere do branco, é a evidência de que a busca por manter o negro como um ser diferente, ou incapaz de evoluir socialmente será a marca de diversas obras. Nessa mesma ótica, temos a identidade do branco como ser humano supremo, dotado de inteligência, sociável, delicado. Quando um negro tem um papel de destaque como personagem, o branco é a vítima. Alguns autores descrevem essas personagens com sentimentos superficiais, que não envolvem o que poderíamos chamar de “alma”, mas sim apenas algo carnal. Rabassa (1965, p. 87) afirma que: “De início, as negras apareciam na literatura geralmente como criaturas exóticas, lascivas e descritas em cores fortes, nunca como objetos de sentimentos profundos por parte do poeta[...]”.

A religião do negro tem um peso dentro da literatura, as cerimônias religiosas que marcam a cultura africana, desenvolveram-se no Brasil através dos escravos que não deixaram para trás os seus cultos: “As descrições dos negros tratam das cerimônias religiosas como a macumba. Esses rituais viriam a representar uma parcela importante de toda a literatura referente aos negros brasileiros até o dia de hoje”. (*Idem* 1965, p 83|.) O olhar preconceituoso em relação à religião africana fica marcado dentro de obras literárias, como por exemplo: a

negra feiticeira que mora em uma casa dentro mato, e recebe pessoas que querem fazer o mal para outros indivíduos. Esses estereótipos tentam mostrar que essas religiões buscam a destruição, e não fazem parte de uma cultura diversificada e rica.

A segregação racial é o resultado de tantos estereótipos, a expressão cultural não é vista com positividade, mas sim como algo anormal. A não transformação do negro em belas letras, a falta de uma linguagem subjetiva, o poder de um pensamento coerente, são atributos que faltam nesses personagens, e conseqüentemente fazem permanecer o peso dos estereótipos. A grandeza cultural que permeia o Brasil deve-se na sua maioria ao negro, porém o que se vê é o abafamento da cultura negra, e a preocupação em mostrar que tais costumes foram enxertados em terras alheias, ou seja, o Brasil recebeu costumes diferentes e foi povoado por indivíduos que não podem ter direitos, mas sim apenas ficar à mercê do próprio destino, destino esse, traçado pelo homem branco.

Machado de Assis era mulato, porém deu pouca ênfase às questões da escravidão. Brookshaw faz referência a esse fator:

Mas seu trabalho não abordava o problema racial, e raramente tocou em questões da escravidão; a abolição da escravatura ocorreu quando ele ainda vivia. Antes pelo contrário, a maioria de seus romances tem por cenário as classes mais altas da burguesia do Rio[...]” (BROOKSHAW,1983, p.153)

O que podemos observar é que alguns autores do século XIX não se preocupavam com a situação enfrentada pelos negros, e tiveram a oportunidade de dar voz a essas pessoas que sofriam a escravidão, porém o posicionamento desses autores em relação a cor, não estava evidenciado com clareza em suas obras. Apesar de Machado de Assis pouco referenciar o problema da escravidão, ou dar ênfase para o preconceito sofrido pelos negros o que se pode observar é que:

Ele também não era insensível as crueldades da escravidão, a história, como mostra o conto *O caso da vara*. Entretanto, até mesmo aí, embora o cenário seja a escravidão, a história se volta para o caráter de Damião, o rapaz que simpatiza com a escrava Lucrecia. (*Idem* 1983, p. 154)

As personagens negras na literatura brasileira são projetadas para representar histórias que vão além da ficção, estereotipar o negro, porém tem sido um dos grandes desastres, ou seja, camuflar a real situação vivida na época da escravidão é o resultado mais negativo que esses estereótipos repassam. Em um país que a luta contra o preconceito é constante, o que ainda vemos são personagens que desconstroem a própria cultura, vivem presos dentro de representações desastrosas, e não passam de fantoches na mão de alguns autores. Os caminhos percorridos pelos estereótipos trazem à realidade algo negativo, gerar na mente humana um estado de congelamento, ou seja, os tempos de escravidão ainda permanecem nos dias atuais. Quando algumas obras clássicas vão para a sala de aula, e dentro da história encontram-se negros sendo humilhados, afastados do convívio social, o resultado disso é gerar gradativamente na mente do aluno o preconceito, a crença de que o negro é uma raça diferente e que a hegemonia do branco deve perpetuar-se, essa ainda é uma realidade encontrada não só na literatura, mas nos mais diversos veículos de comunicação.

4. AS PERSONAGENS NEGRAS EM *A NOITE DOS CRISTAIS*

A personagem recebe características inspiradas no comportamento humano. É como se ela participasse de uma encenação da vida real, assim, a ficção pode ser carregada de significados que envolvem situações do cotidiano. Dentro desse contexto geral abordaremos a seguir alguns personagens na obra *A Noite dos Cristais*.

Geralmente da leitura de um romance fica a impressão de uma série de fatos, organizados em enredo, e de personagens que vivem estes fatos. É uma impressão praticamente indissolúvel: quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha do seu destino- traçada conforme uma certa duração temporal, referida a determinadas condições de ambiente. (CANDIDO 2007, p. 53)

Em *A Noite dos Cristais* encontramos diversos personagens que representam a vida no século XIX, e estão inseridos no período em que ocorreu a Revolta dos Malês na Bahia. Entrar no mundo desses personagens é absorver uma parte histórica do país, é entrar em um cenário distante, porém conhecido pela sociedade. Apesar de se tratar de seres fictícios, existe um envolvimento do leitor com a obra, pois quando o autor expõe situações vivenciadas por esses personagens ele sai da ficção e entra numa realidade não palpável, porém totalmente compreendida.

A personagem é um ser fictício, -expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção *ser*? Como pode existir o que não existe. No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. (CÂNDIDO, 2007, p.55)

Cada personagem descrita pelo autor carrega uma característica que o define. No livro *A Noite dos Cristais* encontramos primeiramente o personagem de um estudante de línguas que viaja para Guiana Francesa para ter uma convivência maior com as pessoas que falam francês. A característica desse personagem é de uma pessoa comum da sociedade, é professor e tem uma rotina de trabalho normal. Esse primeiro personagem tem uma grande importância na

história, pois ele começa a descrever o cenário no qual será descoberto a história de outros personagens da obra. Em alguns rascunhos é encontrado uma grande riqueza que é a história de Gonçalo, a qual desenvolve-se a história de outros negros.

O autor expõe com bastante clareza as situações vivenciadas por esses personagens, além de dar a cada um, uma visão de realidade, ou seja, as experiências que esses seres fictícios trazem para a realidade mostram a relação estabelecida entre personagens e leitor, pois a leitura da obra apresenta diversos momentos que estão em conformidade com o mundo real. De acordo com Antônio Cândido:

[...]Todavia, há uma diferença básica entre uma posição e outra: na vida, a visão fragmentária é imanente à nossa própria experiência; é uma condição que não estabelecemos, mas a que nos submetemos. No romance, ela é criada, é estabelecida e racionalmente dirigida pelo escritor, que delimita e encerra, numa estrutura elaborada, a aventura sem fim que é, na vida, o conhecimento do outro. Daí a necessária simplificação, que pode consistir numa escolha de gestos, de frases, de objetos significativos, marcando a personagem para a identificação do leitor, sem com isso diminuir a impressão de complexidade e riqueza. (*Idem*, p. 58)

O personagem Gonçalo fugiu para a Guiana Francesa em busca de liberdade. O que Gonçalo vivenciou durante sua vida, escreveu em um papel, ou seja, suas memórias, seus momentos de luta pela sobrevivência, a exposição de sua cultura e o comportamento do seu povo. Há uma mudança de representação na imagem do negro, pois Gonçalo tem uma liberdade interna, ele não nasceu escravo, contudo no decorrer da história ele se torna escravo, mas nem por isso tem um papel estereotipado, Gonçalo tem um pensamento livre, no qual ele conta sua vida e a de seus familiares com autonomia e expõe todas as verdades decorridas na história. Essa representação que o autor faz do personagem Gonçalo o mostra com uma personalidade bem resolvida, com consciência de sua trajetória, assim o personagem faz questão de ser autor de sua história, apesar da escravidão

Gonçalo em suas anotações faz fortes referências a sua família, primeiramente apresenta seu pai que se chamava Amaro, suas características físicas carregavam o reflexo da vida que levava desde que veio da África:

Meu pai Amaro era um homem de mais de cinquenta anos, da nação haussá, alto, com braços e mãos fortes e de cabeça pequena num rosto quase quadrado. Tinha os olhos

grandes, o nariz achatado e os lábios grossos. Seus largos ombros possuíam três marcas; uma tradição de seu povo, uma segunda de quando foi vendido na África, e outra que recebeu quando desembarcou de um negreiro no Brasil”. (SANTANA, 2015, p. 22).

Essas marcas que Amaro carrega, com exceção da tribal, mostram o quanto os negros, tornados escravos, foram vítimas de um sistema perverso que desumanizava pessoas.

Amaro aprendera a ler, isso era um diferencial na sua vida, “aprender a ler e escrever, assim auxiliava no controle[...]”. (*Idem*, p. 23). O autor retrata esse personagem como um negro capaz de ter conhecimento, e não com limitações. Amaro tem um lado positivo, é um homem lutador, que enfrenta a vida de cabeça erguida, e apesar de viver na época da escravidão, não tolerava aquela situação: “Dizia sempre que um homem deveria vencer na vida por seu próprio esforço.” (*Idem*, p. 23). O personagem tinha instrução, e o que sabia passou para Gonçalo, e como Amaro tem seus sentimentos expostos na obra, ele incentiva seu filho a lutar sempre por liberdade e ensina-lhe o valor de não ser um escravo, “- Você meu filho, talvez não compreenda por ser uma criança, mas você é muito rico, porque é livre”. (*Idem*, p.24).

A vó de Gonçalo chamada Ombutchê era o retrato da África, seu comportamento afluava a sua cultura, o autor não a expõe com preconceito, mas sim com verdade, e nessa verdade fixa um ser capaz de desejar que seus malfeitores pagassem por tantas maldades, seu olhar para o chão não significava submissão, mas sim seus pensamentos que a levavam a lugares distantes de sua vida, ou seja, seu passado: “Desejava a morte aos brancos e caducava ao mesmo tempo. De seu canto, fumando o eterno cachimbo, via um passado longínquo, nebulosas imagens vinham através da fumaça[...]”. (*Idem*, p. 24). Ombutchê representa a mãe que era separada de seu filho por conta da escravidão, enfrentou dores que a faziam chorar, são sensações que refletem momentos de consciência de tal personagem, o autor revela também uma verdade que ia além de castigos momentâneos, ele expressa a dor das situações vivenciadas por essas pessoas.

Flora, a mãe de Gonçalo, é descrita como uma mulher muito bonita, uma autêntica representante da pele negra, com uma beleza marcante na memória de Gonçalo:

Minha mãe Flora era uma mulher bonita. Sua pele era de um preto fosco sem brilho. Tinha a fronte alta que acompanhava a linha do seu nariz afilado como o dos brancos. As orelhas pequenas, coladas a uma cabeça que sempre trazia tranças enfeitadas com contas de vidro. Possuía uma boca bem desenhada e quando sorria, seus dentes alvos de marfim enfeitavam nossa casa. (*Idem*, p. 26).

A força que existia nessa personagem é admirável, Flora tem uma ação positiva, ela não trabalha em cozinha de pessoas brancas, como em tantas outras obras a maioria das personagens negras sempre trabalha de doméstica, Flora é capaz de trabalhar no seu próprio negócio, mesmo que seja um trabalho árduo, mas o diferencial nessa personagem é a capacidade dada a ela com uma postura firme e decidida. “Tinha uma força descomunal, quando saía para trabalhar no seu ponto ao lado do Teatro Municipal, carregava na cabeça uma grande cesta, onde iam as panelas com comida, molhos[...]” (*idem*, p. 26).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância de uma reflexão a respeito da literatura afro-brasileira é crescente em nosso país, porquanto tratar de assuntos que revelam as faces negativas da sociedade, como o preconceito racial, é entrar em uma batalha a favor da conscientização. Nessa visão, podemos observar o quanto a arte pode ser colaboradora para gerar preconceito ou eliminá-lo da mente de algumas pessoas. O autor negro tem a incumbência de revolucionar o meio literário no que se refere às personagens negras, não basta ser um autor negro, tem que divulgar uma literatura que tenha a essência do negro. De acordo com Cuti (2010, p. 44): “A literatura negro-brasileira nasce na e da população negra que se formou fora da África, e de sua experiência no Brasil”. As personagens negras e sua representação em *A noite dos Cristais* de Luís Fulano de Tal envolvem uma série de fatores que retratam a cultura africana desenvolvendo-se no Brasil, é importante salientar que os personagens que fazem parte da obra são negros que mostram a força de seu povo.

Quando se pensa em personagens negras nas obras literárias, geralmente volta-se às obras canônicas e o peso que elas possuem no meio literário, mas também vale ressaltar que a posição imposta aos negros é um caminho que leva à exclusão social. É uma forma de limitar o negro como se fosse fantoche, como um ser sem movimentos próprios. O que pode ser absorvido da obra de Luís Fulano de Tal é o comprometimento do autor com a sua cultura, a fidelidade para com seus personagens, os quais andam de cabeça erguida, trabalham para se sustentar, vivem em busca de conhecimento, têm uma ideologia formada, têm família constituída, tem suas crenças expostas positivamente, e todas essas características revelam por si só que não há estereótipos na obra. Assim observa-se que o romance de Luís Fulano de Tal é fundamentado na história, é uma literatura engajada, no sentido da representação de suas personagens, mas sobretudo é arte, é literatura com reflexão:

A literatura nos traz a história emocionada, não apenas a informação fria do historiador, mas a possibilidade de experimentarmos sensações e emoções de que as personagens ou os “eus” líricos são dotados na obra. Assim, os escritores negro-brasileiros vão se posicionar também no tempo para instaurar no seu trabalho o ponto de enfoque literário. (CUTI, 2010, p. 93)

A literatura proporciona a oportunidade de expressão, é uma voz que ressoa na consciência, é aprender o novo, vivendo histórias do passado, é anular os pensamentos preconceituosos. O posicionamento dos autores negros brasileiros sempre fará a diferença no

meio literário, a valorização e o comprometimento com o conteúdo de suas obras sustentam a intenção de fazer da arte uma saída para promover igualdade.

REFERÊNCIAS

BROOKSSHAW, David. **Raça & Cor na Literatura Brasileira. Tradução Marta Kirt.** 1ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. (Série Novas Perspectivas).

CANDIDO, Antonio. “A Personagem do Romance”. In: CANDIDO, Antonio et alii. **A Personagem de Ficção.** 2ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007 p51-80

CUTI, Luiz Silva. **Literatura Negro Brasileira.** 1ª ed. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura e Afrodescendência No Brasil: antologia crítica. Belo Horizonte:** Editora UFMG, 2014, p347-361. (v.3)

EVARISTO, Conceição. **Literatura Negra: Uma Poética de Nossa Afro-Brasilidade.** SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literatura Negra: Os Sentidos e as Ramificações.** LITERAFRO. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro> Acessado em: 05/06/2018

LOPES, Ana Cristina M; REIS, Carlos. **Dicionário de Teoria Da Narrativa.** São Paulo: Ática, 1988.

LUFT, Gabriela; WELTER Juliane. **As Personagens Negras na Literatura Brasileira Oitocentista: Os Quadros da Escravidão de Joaquim Manuel de Macedo.** Terra Roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários Volume 17-B (dez. 2009) - ISSN 1678-2054. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/lettras/terraroxa> Acessado em: 27/01/2018

PEREIRA, Maria do Rosário Alves. **História e Ficção em A Noite Dos Cristais.** LITERAFRO. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro> Acessado em: 05/06/2018

RABASSA, Gregory. **O Negro na Ficção Brasileira.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1965.

SANTANA, Luís Carlos de (TAL, Luis Fulano). **A Noite dos Cristais.** 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2015

TIBÉRIO, Fabiana Francisco. **Literatura Afro-Brasileira, História e Memória: Algumas Considerações Sobre *A Noite Dos Cristais***. Terra Roxa e outras terras- Revista de Estudos Literários. Volume 17-b (dez. 2009) - ISSN 1678-2054. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa> Acessado em: 19/01/2018